

GEOGRAFIA HUMANISTA E FENOMENOLOGIA: CONTRIBUIÇÕES FRANCÓFONAS NO *L'ESPACE GÉOGRAPHIQUE*¹

Fernanda Cristina DE PAULA²

Resumo

Concomitante ao interesse e difusão mais recentes da Geografia Humanista no Brasil, se desenvolve a necessidade de ampliar e aprofundar a discussão epistemológica e teórico-metodológica dessa abordagem. Um dos caminhos para esse desenvolvimento é a busca, leitura, discussão e tradução do que vem sendo discutido internacionalmente em relação ao tema. O artigo apresentado aqui traz resultados da pesquisa sobre Geografia Humanista em língua francesa, com objetivo de contribuir à abordagem humanista desenvolvida atualmente no Brasil. A partir do levantamento de artigos com orientação humanista no *L'Espace Géographique* (importante periódico de Geografia, da França), discutimos como o coletivo de geógrafos francófonos têm desenvolvido pesquisas, exercitado teorias e métodos e debatido uma perspectiva humanista em Geografia. A intenção maior é, com a observação e estudo da produção francófona sobre o tema, trazer elementos para problematizar e aprofundar nosso próprio debate epistemológico e teórico-metodológico referente à Geografia Humanista.

Palavras-chave: Representação. Epistemologia da Geografia. Augustin Berque. Francis Rousseaoux. André-Frédéric Hoyaux.

Abstract

Humanist geography and phenomenology: francophone contributors from *l'espace géographique*

The recent interest and diffusion of Humanist Geography in Brazil creates the necessity of the increase of the epistemological, theoretical and methodological discussion of this approach. One of ways for the development of this approach is to research, to read, to discuss and to translate which has been internationally discussed. This paper presents the results of a research about the Humanist Geography in French, which has the objective of contribute to current humanist perspective development, in Brazil. From the search of papers with humanist orientation in *L'Espace Géographique* (important Geography review from France), this paper discusses how the francophone geographers have developed researches, have worked with theories and methods and have debated a humanist perspective in Geography. The greater intention is, with the francophone production observation of this theme, bring elements for problematization and deepening of our epistemological, theoretical-methodological discussions concerning Humanist Geography.

Key words: Representation. Epistemology of Geography. Augustin Berque. Francis Rousseaoux. André-Frédéric Hoyaux.

¹ Agradeço a Eduardo Marandola Jr. pelo, constante, incentivo.

² Geógrafa e Mestre em Geografia (IG/UNICAMP) - Email: depaula.fernandac@yahoo.com.br - Endereço: Rua Francisco Ferreira Pires, 476, VI. Perseu Leite de Barros, Campinas-SP. CEP: 13060-384.

INTRODUÇÃO

A Geografia Humanista se originou da incorporação de sentimentos, valores, memória, cultura, subjetividade, experiência, percepção (características que definem o homem enquanto tal) como fatores que orientam a relação homem-espaco (AMORIM FILHO, 1978; LOWENTHAL, 1983; HOLZER, 1992; MARANDOLA JR., 2005a).

Correspondendo a uma abertura epistemológica, a Geografia Humanista promove dois movimentos: tanto a diversificação de temas e problemáticas a serem pesquisados pelos geógrafos, quanto o surgimento da demanda por teorias, métodos e metodologias para abordar os novos objetos de estudo.

No Brasil, os trabalhos com orientação humanista surgiram nas décadas de 1970 e 1980, principalmente a partir das pesquisas sobre percepção ambiental, desenvolvidas pela geógrafa Livia de Oliveira. Além das pesquisas e orientações nessa perspectiva, Livia foi responsável pela tradução dos livros de Yi-Fu Tuan (expoente desta perspectiva da Geografia), os quais foram cruciais para a difusão da Geografia Humanista no Brasil (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2003). Em fins da década de 1990 e início da de 2000, os eventos do Núcleo de Estudos sobre Espaço e Cultura (Nepec), sediado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj), se tornaram um espaço onde era possível encontrar discussões afeitas à abordagem humanista. E durante a década de 2000, o surgimento de grupos como o Núcleo de Estudos sobre Geografia Humanística, Arte e Cidade (NeghaRio) e o Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM), reúnem pesquisadores e interessados na Geografia Humanista, realizando: eventos (como os seminários nacionais sobre Geografia e Fenomenologia, organizados pelo GHUM; ou os roteiros geográficos no Rio de Janeiro, pelo NeghaRio), traduções de artigos e livros para o português (por exemplo, a obra de Eric Dardel), reedições de clássicos, editoração de periódico (Revista Geograficidade). Tudo isso contribuindo para a sistematização, diversificação e aprofundamento da abordagem no Brasil. Além dos estudos de percepção ambiental, atualmente, a Geografia Humanista no Brasil conta com pesquisas sobre: lugar e experiência do espaço; as relações entre a Geografia e a literatura, a música, o cinema e a arte no geral; discussões de interface com políticas públicas; epistemologia da Geografia; teoria e método da Geografia; projetos interdisciplinares de extensão; e incursões por discussões ontológicas³.

Diante deste contexto, há uma demanda pela ampliação de referências bibliográficas que contribua para o aprofundamento das reflexões da Geografia Humanista no país. A pesquisa apresentada nesse trabalho faz parte das atividades do GHUM e um dos objetivos do grupo é o avanço no conhecimento e discussão de bibliografias sobre o tema. O levantamento e revisão bibliográficas a partir do *L'Espece Géographique* busca ajudar a suprir essa demanda por mais referências relacionadas à perspectiva humanista junto aos geógrafos francófonos.

Werther Holzer, em sua dissertação, realizou o mais bem acabado levantamento e discussão sobre a origem e difusão da Geografia Humanista e seu desenvolvimento até 1990 (HOLZER, 1992), mapeando, identificando e analisando as diversas linhas de pesquisas e geógrafos que contribuíram para o desenvolvimento do campo nos mundos anglófono e francófono.

A pesquisa que temos realizado é, de certo modo, uma continuação do trabalho de Holzer (1992). A busca de trabalhos relacionados à Geografia Humanista em idioma francês, a partir de 1990, procura reconhecer como essa perspectiva geográfica vem se desenvolvendo internacionalmente, nos dias atuais. E, assim, compreender os desdobramentos recentes do movimento humanista, especialmente ligado à incorporação da Fenomenologia no

³ Para melhor conhecimento do aumento e diversidade de produções de abordagem humanista, ver no sítio do GHUM, a seção de Bibliografias, subseção "Produção monográfica brasileira". <<http://geografiahumanista.wordpress.com>>

pensamento geográfico e à contribuição especificamente francesa a tal debate. Notando que a perspectiva humanista desenvolvida por geógrafos francófonos ainda é pouco conhecida ou incorporada ao debate humanista brasileiro, especialmente os trabalhos mais contemporâneos do coletivo francófono.

A estratégia da pesquisa envolveu duas fases. Na primeira, buscamos de forma geral geógrafos francófonos que desenvolviam trabalhos ligados à perspectiva humanista. Em um segundo momento, focamos a busca de trabalhos cujo aporte seja a Fenomenologia (um dos principais fundamentos filosóficos da reflexão de orientação humanista e uma das orientações que, por um lado geógrafos brasileiros tem mostrado interesse mas que, por outro lado, há menor obras de referência).

Para realização da pesquisa, nosso primeiro passo foi um levantamento bibliográfico no periódico *L'Espace Géographique*, procurando textos relacionados ao Humanismo em Geografia. O fato de ser editado desde a década de 1970, de possuir regularidade e de ter ampla difusão tornam *L'Espace Géographique* um dos principais periódicos do coletivo de geógrafos francófonos. O levantamento bibliográfico nas edições mais atuais do periódico (de 2001 a 2009⁴) nos ofereceu um norteador sobre temas e autores relacionados ao Humanismo em Geografia. Este trabalho apresenta as contribuições e discussões levantadas por essa pesquisa bibliográfica e seus desdobramentos.

Na primeira seção desse texto, chamamos atenção para a tendência do estudo da representação do espaço, observada nas publicações da última década do *L'Espace Géographique*. Discorreremos, do ponto de vista de autores francófonos, o que implica o termo representação do espaço, qual sua ligação com o Humanismo, quais os tipos de pesquisas relacionadas a esse conceito e quais autores francófonos que se destacam nessa discussão.

Na segunda seção, ainda com base no levantamento no *L'Espace Géographique*, analisamos três artigos, mas que fogem à tendência de estudo da representação do espaço. Esses artigos possuem discussões com base na Fenomenologia. Os autores são: Augustin Berque, Francis Rousseaux e André-Frédéric Hoyaux. Dos artigos de cada um desses geógrafos, destacamos as questões geográficas por eles investigadas e suas bases fenomenológicas.

Após o levantamento no *L'Espace Géographique*, optamos por aprofundar a pesquisa em bibliografia francófona em um tema que se mostra fecundo: as pesquisas geográficas com incorporação da Fenomenologia. Fechamos esse texto apresentando próximos passos da pesquisa.

L'ESPACE GÉOGRAPHIQUE: TENDÊNCIAS E CONTRIBUIÇÕES

Os artigos levantados no *L'Espace Géographique* foram escolhidos: 1) ou pela presença de termos (por exemplo: percepção, representação, sensibilidade, espaço vivido, fenomenologia) que, comumente, estão associados à orientação humanista (seja no título, nas palavras-chave ou nos resumos dos artigos); 2) e/ou através do encontro de autores (por exemplo: Antoine Bailly, Augustin Berque, Armand Frémont, Edmund Husserl, Martin Heidegger, Jean Piaget, Kevin Lynch, Maurice Merleau-Ponty) ou temas afeitos à Geografia Humanista nas referências bibliográficas dos trabalhos. A partir do levantamento elaboramos o Quadro 1, que apresenta os artigos através do nome dos autores, uma síntese da discussão geral do trabalho e a indicação do marco teórico-metodológico da pesquisa. Durante o levantamento dos artigos se evidenciou o predomínio do termo representação.

⁴ Essa etapa da pesquisa foi realizada em 2009. Nos números dos anos de 2010 a 2012 do *L'Espace Géographique* foram encontrados mais artigos relacionados ao Humanismo em Geografia, após a etapa atual da pesquisa, a leitura e discussões desses artigos serão incorporados em novo texto.

O termo representação tem relação com a Geografia de orientação humanista porque coloca a consciência humana (na forma dos modos como ela recriaria o que o indivíduo vive: representar) como fator para compreender a relação homem-espaço.

Werther Holzer, em "A Geografia Humanista – sua trajetória de 1950 a 1990", dedica uma parte da dissertação ao surgimento e desenvolvimento da Geografia Humanista nos países de língua francesa. Nesta parte da dissertação, há destaque para o fato de Antoine Bailly, um expoente da orientação humanista na língua francesa, em 1985, ter oferecido como alternativa mais apropriada do que termo "Geografia da Percepção", o termo "Geografia da Representação".

Holzer (1992, p. 474) afirma:

Segundo ele [Antoine Bailly], o termo "representação" criado por Piaget, é a evocação de um objeto na sua ausência, duplicando a sua presença e completando o conhecimento perceptivo a que se refere; enquanto o espírito representa os objetos que estão na sua presença.

Holzer ainda chama atenção para o esforço contínuo de Bailly (durante a década de 1980) para desenvolver e divulgar a noção de Geografia das Representações. Apesar disto, este geógrafo não predomina nas referências bibliográficas dos artigos que levantamos; e ainda não nos é possível delimitar se há uma relação direta entre o esforço de Bailly e a predominância do termo representação entre estes artigos.

Na maioria dos artigos levantados (exceto naqueles de feição mais teórica), há apresentação ou discussão sobre o que se entende por representação; no mais das vezes, o termo é utilizado como se fosse autoexplicativo. Mas, a partir da leitura dos artigos é possível apreender o que está subentendido: o termo representação indica o pressuposto de que indivíduos e/ou grupos têm modos diferentes de observar, valorizar, conceber e lidar com dada porção do espaço; às vezes, o termo percepção é associado ao de representação.

A partir da leitura dos artigos temos também que as diferenças na representação do espaço entre os grupos orientam diversas questões, permitindo que o estudo da representação seja cabível para diversas problemáticas. Por exemplo, a noção de representação esteia a discussão da imagem que se cria de um rio a partir do discurso veiculado por guias turísticos; e que esta imagem (e o modo como ela é criada) deve ser levada em conta nas políticas e intervenções públicas neste corpo d'água (BONNIN, 2004). Assim como o estudo da representação pode contribuir para o planejamento e desenvolvimento local de uma área onde haja diferentes grupos sociais: a compreensão de como diferentes grupos de habitantes concebem a área periurbana ajudando a intervenção pública neste espaço (GUISEPELLI, 2006). A ideia geral é de que a representação dos indivíduos e grupos orienta a prática social em relação às porções do espaço.

Quadro 1 - Artigos com orientação humanista em *L'Espace Géographique* (2001-2009)

Autores	Título	Discussão	Marco teórico-metodológico
BERQUE, 2009	<i>Les travaux et les jours. Histoire naturelle et histoire humaine</i> (Os trabalhos e os dias. História natural e história humana)	Compreender o porquê da destruição da natureza (ecológica) em nome da natureza (representação) através da noção de <i>forclusion</i>	Discussão teórica de orientação fenomenológica, aproximação com a analítica existencial heideggeriana
BONIN, 2001	<i>Paysages et représentations dans les guides touristiques : la Loire dans la collection des Guides-Joanne, Guides Bleus (1856 à nos jours)</i> (Paisagens e representações nos guias turísticos: o Loire na Coleção de Guias-Joanne, Guias Blues (1856 aos dias de hoje))	Apreender a representação do Rio Loire através dos guias turísticos	Análise do conteúdo dos guias
BONNIN, 2004	<i>Ouverture et fermeture de la maison japonaise dans les contes traditionnels</i> (A abertura e o fechar da casa japonesa nos contos tradicionais)	Entender topologia e sentido da casa japonesa através da literatura	Cita semelhança com análise tal qual a do "Poética do Espaço" de Gaston Bachelard
CARON; ROCHE, 2001	<i>Vers une typologie de représentations spatiales</i> (Em direção a uma tipologia de representações espaciais)	Construir tipologia da representação espacial	Discussão teórica comparando representação humana do espaço e representação do espaço via Sistemas de Informação Geográfica
DECOVILLE, 2007	<i>La forêt périurbaine, une nature reconstruite par la ville? L'exemple de la chasse à Strasbourg et à Karlsruhe</i> (A floresta periurbana, uma natureza reconstruída pela cidade? O exemplo da caça em Strasbourg e em Karlsruhe)	A compreensão das representações dos diferentes grupos interessados nas florestas periurbanas deve ajudar na gestão destas áreas	Descrição dos argumentos e embates dos diferentes grupos sociais
FABUREL, 2003	<i>Le bruit des avions, facteur de révélation et de construction de territoires</i> (O barulho dos aviões, fator de revelação e de construção de territórios)	Barulho e tensão causados nos espaços sob som dos aviões são fatores de representação de território e sentimento de pertencimento	Análise de conteúdo de entrevistas
GOELDNER-GIANELLA; IMBERT, 2005	<i>Représentations sociales des marais et dépollerisation : le cas d'un marais breton</i> (Representações sociais dos pântanos e aterramento: o caso de um pântano bretão)	Entender as diferentes reações das pessoas ao acréscimo de áreas agrícolas através do aterro de pântanos	Aplicações de questionários para compreender representações e percepção do espaço
GUÉRIN-PACE, 2003	<i>Vers une typologie des territoires urbains de proximité</i> (Em direção a uma topologia de territórios urbanos de proximidade)	Entender as representações e percepções espaciais dos espaços de rotina que formam territórios de proximidade	Discussão baseada em 150 entrevistas que geraram 150 espaços de vida
GUISEPELLI, 2006	<i>Place et fonctions de l'agriculture en zones périurbaines de montagne : modes d'habiter et représentations du rural</i> (Lugar e funções da agricultura em zonas periurbanas de montanha: modos de habitar e representações do rural)	Compreender as diferentes representações e práticas sociais dos grupos que habitam áreas periurbanas com vistas ao melhor planejamento delas	Discussão baseada em 65 entrevistas com moradores da área

(continua)

(continuação)

Autores	Título	Discussão	Marco teórico-metodológico
HOYAUX, 2006	<i>Pragmatique phénoménologique des constructions territoriales et idéologiques dans les discours d'habitants</i> (Pragmática fenomenológica das construções territoriais e ideológicas nos discursos dos habitantes)	Proposta de um método fenomenológico de investigação para compreender as ligações entre habitante e mundo	Discussão epistemológica estreada na fenomenologia
LE FLOCH; CADAU, 2001	<i>Le Marais Breton de Loire-Atlantique : la qualification paysagère d'un marais oublié</i> (O Pântano Bretão de Loire-Atlantique: a qualificação paisagem de um pântano esquecido)	Compreender a interpretação da paisagem dos diferentes agentes públicos envolvidos na requalificação desta	Cita a ideia de pertinência, de acordo com o fenomenólogo A. Schutz e realizam análise de conteúdo de entrevistas
PIVETEAU, 2003	<i>La signalisation routière de direction : une nouvelle donne dans notre relation au territoire</i> (A sinalização na estrada: um novo dado da nossa relação com o território)	Comportamento das citações dos nomes de lugares nas placas das estradas orientam nossa percepção e representação de territórios	Frequência de citação e lugares onde é citado os nomes de cidades e construção de diagramas com estes dados
ROUSSEAU, 2005	<i>Parcours chorégraphique dans l'espace a-touristique de la baie de Tunis</i> (Percurso coreográfico do espaço a-turístico da Baía da Tunísia)	Discutindo o devir das relações mais íntimas entre o indivíduo (corpo) e a baía da Tunísia (espaço) procurando entender o que acontece que provoca o amor em relação ao lugar	Discussão teórica de orientação fenomenológica apoiada, por exemplo, em E. Husserl, M. Heidegger e M. Merleau-Ponty
SCHMITZ, 2001	<i>La recherche de l'environnement pertinent: contribution à une géographie du sensible</i> (A procura do ambiente pertinente: contribuição a uma geografia do sensível)*	Delimitar que parte, como e a causa de uma porção do ambiente ser importante para um indivíduo (percepção)	Entrevistas e métodos qualitativos e quantitativos de análise
SEMMOUD, 2008	<i>Urbanisme et représentations de quartiers. Le cas de Bellevue (Saint-Etienne)</i> (Urbanismo e representações de bairros. O caso de Bellevue (Saint-Etienne))	A partir da interação entre grupos sociais, suas representações e formas de coabitação e territorialização apreender a recomposição social após a intervenção urbana no bairro	Discussão baseada em 29 entrevistas semi-diretivas, 21 entrevistas informativas e em torno de 50 encontros com moradores do bairro

Fonte: *L'Espace Géographique* (2001-2009); **Elaboração:** autor.

On entrevoit donc que le processus de représentation est constitutif de la relation, à la fois sensible et pratique, que les hommes établissent avec le monde qui les environne. On comprend dès lors que les géographes, dans la mesure où ils s'intéressent aux relations que tissent les hommes avec l'espace terrestre et avec leur environnement pouvaient se soucier de ce processus dès lors qu'ils acceptent l'idée que les individus et les groupes subordonnent leur pratique de l'espace à la production de représentations permettant de l'appréhender, de lui conférer une signification collective et, le cas échéant, de le transformer (DEBARBIEUX, 1998, p. 200)⁵.

⁵ Então, observa-se, que o processo de representação é constitutivo da relação, a cada vez mais sensível e prática, que os homens estabelecem com o mundo que os envolve. Assim, compreende-se que os geógrafos, na medida em que se interessam pelas relações que ligam os homens ao espaço terrestre e com seu ambiente, podem se preocupar com esse processo de representação desde que aceite a ideia de que os indivíduos e grupos subordinam sua prática espacial à produção de representações do espaço, permitindo apreendê-lo, lhe conferir uma significação coletiva e, no caso, o transformar (tradução livre).

Bernard Debarbieux é um autor geralmente citado no que se refere à representação do espaço. É dele o capítulo sobre representação e imagem em um livro que apresenta e discute diferentes conceitos da Geografia (BAILLY, 1998). Debarbieux (1998), reconhece a difusão da noção de representação e mesmo uma polissemia em relação ao termo que, muitas vezes, provoca equívocos. Assim, na medida em que apresenta o que entende por representação, avança apresentando os tipos de tema e abordagens que tem se ligado a este termo na geografia francófona. Enquanto referência teórica dos autores francófonos que trabalham com representação, trazemos as considerações deste autor para melhor compreender estes estudos.

Para Debarbieux (1998, p. 199): "La représentation est le processus par lequel sont produits des formes, concrètes ou idéelles, dotées d'une existence propre, mais qui réfèrent toujours à un autre objet ou à un autre phénomène relevant d'un autre ordre de réalité"⁶.

Em função de diferentes modos de encarar como este processo se realiza, quais os fatores envolvidos e as consequências de se abordar esta criação de formas, símbolos, ideias, imagens em função do espaço faz com que diferentes tradições estejam associadas à noção de representações espaciais. Debarbieux apresenta estas tradições:

1. Estudo dos mapas mentais: de origem anglófona, ligados à psicologia, que busca entender o comportamento espacial dos indivíduos a partir da percepção e memorização do ambiente. Debarbieux (1998) cita como autores desta abordagem K. Lynch, P. Gould e R. White, D. Stea; os quais aparecem nas referências de alguns dos artigos levantados.
2. Estudo das regiões culturais e dos espaços vividos: perspectiva onde artefatos culturais expressariam (na medida em que resultam da ligação entre homem e espaço) a representação que os grupos têm do espaço em que vivem. A referência ao vivido também é comum entre os artigos levantados no *L'Espace Géographique*, principalmente aqueles que buscam contribuir para questões de políticas públicas ou intervenções no espaço que afetem os indivíduos que frequentam este espaço.
3. Estudos sobre diferenciação social: desenvolvidos por geógrafos que procuram entender dominação e diferenciação sociais de acordo com as diferentes classes socioeconômicas; o estudo das representações é tanto base teórico-metodológica para as pesquisas quanto esteio para militância social, atenta Debarbieux (1998).
4. Estudos de instrumentalização sociopolítica de imaginários: Debarbieux (1998) atenta para a associação entre semiologia e marxismo. Nessa abordagem, as representações espaciais são entendidas como construtoras e legitimadoras de territórios; ou expressam a relação entre determinada formação social (certo estado da história do capitalismo) e a paisagem. Autores representativos de estudos como estes seriam C. Raffestin e A. Baparana, J. Gottman, D. Cosgrove.
5. Estudo das dinâmicas antropológicas do imaginário: Debarbieux (1998) chama atenção para o fato desta linha de pesquisa ser a que menos tem atenção dos geógrafos; estes estudos partem da ideia de que existem modos característicos ou inalienáveis da relação homem-espaço que explicariam a universalidade de certas imagens. Cita como representantes destes tipos de estudos: G. Bachelard, G. Duran, M. Eliade e H. Corbin. Entre os artigos levantados, o de Bonin (2001) é um exemplo: o autor procura pela universalidade das imagens das casas japonesas representadas pela literatura.

Debarbieux (1998) retoma também que alguns debates importantes sobre representação espacial já tiveram lugar entre os francófonos: discussões teóricas e conceituais,

⁶ A representação é o processo pelo qual são produzidas formas, concretas ou ideais, dotadas de uma existência própria, mas que se referem sempre a outro objeto ou fenômeno, revelando uma outra ordem de realidade (tradução livre).

discussões sobre a validade científica das representações espaciais, sobre o modo como estas representações são construídas, sobre a relação e relevância dos estudos de escala individual e social.

Diante dos artigos levantados e de uma breve incursão sobre o referencial teórico que os embasa, podemos observar alguns pontos no que tange a contribuições possíveis: 1) a prevalência de trabalhos empíricos sobre representação nos provê de consciência da multiplicidade de temas aos quais a abordagem de representações espaciais pode contribuir; 2) no entanto, dado que as publicações são artigos para expor esta empiria, há pouco detalhamento de debates teóricos e procedimentos metodológicos que nos renderia contribuições mais densas do ponto de vista epistemológico.

É necessário atentar também que os marcos teórico-metodológicos envolvidos no estudo das representações não são, no mais das vezes, de origem francófona. E que dentre estes artigos, excetuando os dois trabalhos teóricos (CARON; ROCHE, 2001; GUÉRIN-PACE, 2003), as bases teóricas que encontramos pouco trazem de inovação para os debates já empreendidos no Brasil.

Procurando discernir o desenvolvimento da Geografia Humanista francófona e suas contribuições possíveis temos que o levantamento de artigos no periódico *L'Espace Géographique* já nos oferece dados importantes: a não menção do termo Geografia Humanista ou Humanismo em quaisquer dos artigos e a predominância de apenas um referencial teórico (representação espacial). Isso sugere que há uma discussão pouco explícita sobre o Humanismo na Geografia de língua francesa ou, mesmo, que há uma tal consolidação e interdisciplinaridade da perspectiva humanista que eliminam a necessidade de explicitar filiação ao Humanismo Geografia.

Diante da tendência observada nos artigos, as contribuições que estes podem trazer seriam: 1) inspiração na utilização de abordagens afeitas à representação espacial em diversos temas, diante da abundância de trabalhos empíricos sob esta abordagem; 2) possíveis metodologias a serem utilizadas; e 3) conferir o que os debates já desenvolvidos, no que diz respeito à representação espacial, poderiam nos auxiliar.

Apesar desta tendência monotemática nas pesquisas francófonas, três artigos dentre os levantados chamam atenção por sua singularidade, trazendo discussões mais inovadoras no que diz respeito à perspectiva humanista: os artigos de Berque (2009), Rousseaux (2005) e Hoyaux (2006).

GEOGRAFIA E FENOMENOLOGIA NO *L'ESPACE GÉOGRAPHIQUE*

A Fenomenologia é reconhecida como uma das correntes filosóficas de maior vulto na orientação humanista em Geografia⁷. No Brasil, cresce o interesse por essa base filosófica entre geógrafos⁸ e, paradoxalmente, há uma flagrante carência de referenciais teóricos atuais sobre o tema. Por esses motivos, temos encaminhado a pesquisa sobre Geografia Humanista em língua francesa para a descoberta e discussão de geógrafos francófonos que têm incorporado a Fenomenologia em suas reflexões.

No *L'Espace Géographique*, os artigos de Augustin Berque, Francis Rosseaux e André-Frédéric Hoyaux proporcionam um vislumbre de contribuições mais significativas para a pers-

⁷ Para estudos mais detalhados sobre Geografia e Fenomenologia, ver: Amorim Filho, 2000; Marandola Jr., 2005b; Holzer, 2010.

⁸ Um exemplo do aumento desse interesse é a presença cada vez maior de geógrafos em eventos ou atividades voltados para a discussão sobre Geografia e Fenomenologia.

pectiva humanista orientada pela Fenomenologia. A seguir, apresentamos as discussões empreendidas nesses artigos.

Augustin Berque

Augustin Berque é mais conhecido entre os geógrafos brasileiros devido ao artigo publicado em português: "Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural" (BERQUE, 1998). É Diretor de Estudos na EHESS (*École des Hautes Études en Sciences Sociales*). Doutor em Geografia e em Letras (voltado para o japonês), sua carreira acadêmica é marcada por investigações da interface entre Geografia e Orientalismo, além daquelas voltadas à relação humanidade-ambiente.

No *L'Espace Géographique*, encontramos o artigo "*Les travaux et les jours. Histoire naturelle et histoire humaine*" (BERQUE, 2009). Este artigo de Berque está voltado para a indagação sobre as relações entre humanidade, cultura e ambiente. Com o objetivo de: "[...] dégager les raisons pour lesquelles cet habitant en est venu, au cours de l'histoire, à détruire la nature (au sens écologique) au nom de 'la nature' (comme représentation)"⁹ (BERQUE, 2009, p. 74).

Berque explora dois assuntos: os tipos de *forclusion* (a qual é a não consciência em relação ao acúmulo de trabalho/sentidos/significados presentes na nossa relação com o ecúmeno) e as relações entre a história ecumenal e evolução do homem.

O geógrafo atenta para quatro princípios de *forclusion*. (1) *Cyborg*: a existência contemporânea humana (e sua relação com o ecúmeno, com a natureza) é mecanizada; (2) *Georgiques*: onde o trabalho dos camponeses é naturalizado, o campo considerado como "natureza pura" quando, na verdade, ele é fruto da mão do homem; (3) *Grotte de Pan*: a cidade (com seus pensadores) impõe ao campo sua representação/ideia de natureza; (4) *Xie Lingyun (Cézanne)*: a ideia de natureza imposta pela cidade é ligada a uma apreciação estética da paisagem, onde os camponeses e rústicos são considerados como não possuidores de refinamento para apreciar a natureza.

De acordo com Berque, esses quatro princípios de *forclusion* orientam, hoje, o modo como pensamos, agimos e vivemos o ecúmeno. Berque coloca que a *forclusion* se origina de um comportamento inerente ao modo como o humano existe: a *trajection*. A história ecumenal humana, a realidade humana, é resultado das *trajections* homem-natureza.

La trajection qui institue la réalité humaine peut se résumer par la formule $r = S/P$, qui se lit : la réalité r , c'est S (le sujet) en tant que P (le prédicat). Par exemple, le pétrole (S) en tant que carburant (P); ou l'environnement (S) en tant que paysage (P).¹⁰ (BERQUE, 2009, p. 77).

Em outras palavras, todo objeto da atenção humana se desdobra ou tem acoplado a si vários outros objetos ou vários outros sentidos; por exemplo, o vermelho não é apenas a cor vermelha, o vermelho também é "atenção" ou "pare". O ambiente, enquanto objeto de nossa atenção, tem acoplado a si vários outros sentidos: paisagem, ou ainda, só o ambiente com uma determinada paisagem é considerado natureza (princípio de *forclusion Grotte de Pan*). Essa relação de *trajection* entre ambiente e paisagem, esse desdobramento de sentidos e significados, é resultado da história humana e da cultura; quando pensamos os obje-

⁹ [...] revelar as razões pelas quais este habitante vem, no curso da história, destruindo a natureza (no sentido ecológico) em nome da "natureza" (como representação) (tradução livre).

¹⁰ A *trajecção* que institui a realidade humana pode ser resumida pela fórmula $r=S/P$, que se lê: a realidade r , é S (o sujeito) como P (o predicado). Por exemplo, o petróleo (S) como carburante (P); ou o ambiente (S) como paisagem (P) (tradução livre).

tos nunca decomposmos essa relação de *trajection*, apenas adotamos como verdade e, dessa não decomposição, deriva a *forclusion*.

Berque (2009) finaliza apontando que é por não estarmos atentos à *trajection* que caímos na contradição de destruir a natureza (no sentido ecológico) em nome da natureza (representação derivada das *trajections* e suas respectivas *forclusions*).

O artigo de Berque apresenta dimensões ontológicas na medida em que investiga nossa ação sobre o ecúmeno a partir de um traço inerente ao modo como homem é: a *trajection*. Além da presença de Martin Heidegger (fenomenólogo de destaque) nas referências de Berque, nessa discussão da relação homem-ambiente, é possível observar que os dois principais conceitos coincidem com princípios fenomenológicos:

- *Trajection*: quando Berque fala sobre esse acúmulo de sentidos e significados que os objetos da atenção humana possuem, observamos princípios da Fenomenologia enquanto base de compreensão da realidade humana. Para a Fenomenologia, o mundo é constituído de fenômenos e todo fenômeno (que é aquilo que aparece ao homem, que é todo o objeto da atenção de nossa consciência) é constituído pela relação inalienável entre a consciência doando (intencionalmente) uma estrutura de significados aos objetos (LYOTARD, 1986; HUSSERL, 1986; DARTIGUES, 2005). Poderíamos dizer que a *trajection* é uma proposta de compreensão sobre como os fenômenos se constituem e, ainda, mesmo a idéia de *trajection* leva a consideração de que o mundo é fenomênico. Ao falar do devir histórico e cultural que nos leva a adensar as estruturas de significados e sentidos dos objetos, Berque está falando sobre como a intencionalidade humana se desenvolve.
- *Forclusion*: Husserl, pai da Fenomenologia Pura, cunhou o termo "atitude natural". A atitude natural é a tendência humana em tomar a realidade como dada, não a questionar, não perceber que todas as ideias, conceitos, modos de agir, viver tem como a base a intencionalidade humana (com suas estruturas de sentidos e significados) no momento em que a consciência visa os objetos. A atitude natural, portanto, diz respeito à não percebermos que nós temos papel ativo na constituição da realidade (na formação de mundo); ou seja, nós naturalizamos a realidade. A *forclusion* (não consciência do trabalho humano/*trajection* humana na nossa mediação com o ambiente) corresponde à atitude natural.

Francis Rousseaux

Francis Rousseaux é Engenheiro da Computação e leciona nessa área na Universidade de Reims. Além disso, é músico, estudou filosofia e já lecionou e está inserido em projetos do Instituto de Pesquisa e Coordenação Acústica/Música (IRCAM) no Centro Nacional de Arte Geoges Pompidou (*Centre Pompidou*). Embora não seja geógrafo, possui publicações onde estão relacionadas reflexão espacial, fenomenologia e música.

Em seu artigo no *L'Espace Géographique*, temos Rousseaux indagando: " Il y a des lieux que nous aimons plus que d'autres. Qui n'a fait l'expérience de se sentir inspiré par un site et écrasé par un autre, exalté par certains rivages et abattu par d'autres ?"¹¹ (ROUSSEUX, 2005, p. 267).

Em *Parcours chorégraphique dans l'espace a-touristique de la baie de Tunis* Francis Rousseaux coloca o questionamento sério: por que gostamos de determinados lugares e recusamos ou não nos atraímos por outros? Embora isso aconteça constantemente e, ainda que sempre registramos isso, não há uma discussão sobre por que esses fenômenos acontecem.

¹¹ Há lugares que nós gostamos mais que outros. Quem não teve a experiência de se sentir inspirado por um local e esmagado por outro, enlevado por certas praias e abatido por outras? (tradução livre).

É com a intenção de refletir sobre esse tipo de relação com o lugar que Rousseaux relata e explora um dia de peregrinação que realizou na Baía da Tunísia; lugar que gostou, amou, pelo qual se sente atraído. A partir desse relato, fala sobre a relação orgânica que estabelecemos com os lugares, e como dessa relação se abre mundos ao desenvolvermos formas de ser e estar.

Entre o relato da história e descrições topológicas e sensoriais da baía, o autor registra as sensações que sentiu, surgidas nos lugares da baía. Por exemplo, uma seção do texto (*Le monde de la nage en mer*) é dedicada aos momentos em que nadou no mar da baía.

Rousseaux explana sobre como o nado em mar exige uma postura do corpo e, conseqüentemente, o mergulho nessa ambiência conduz ao um estado em que significados (mundos) surgem e envolvem o indivíduo ao mesmo tempo em que há uma perda da consciência de outros mundos. "Car nager fait advenir un **monde** pour le nageur, au sens où Maurice Merleau-Ponty définit un monde comme une multiplicité ouverte et indéfinie où les rapports sont d'implications réciproque"¹² (ROUSSEAU, 2005, p. 270 – grifo do autor).

Essas relações entre as posturas e ações do corpo que se realizam de acordo com o convite do lugar e que, então, fazem abrir um mundo não acontece só no nado em mar. Rousseaux nota que essa relação orgânica com o lugar acontece também em outros momentos: no almoço (a baía ao meio-dia, o lugar da refeição, o corpo pedindo a refeição tanto pelo horário quanto pelo cansaço após o nado, os cheiros de refeições, os fragores dos lugares de refeições); na sesta (o lugar, na associação inalienável espaço-tempo, oferecendo ao corpo o descanso que ele pede após o almoço).

Rousseaux coloca que há um jogo de coincidências e orientações entre o indivíduo (o corpo, o espírito) e o lugar (a topologia, o tempo, as cores, o ambiente). O autor traz o termo *Chôra* para explicar esse jogo de co-incidências e orientações. *Chôra* designa:

[...] ainsi un phénomène toujours à l'œuvre, celui de la rencontre constitutive d'un lieu concret et d'un être géographique. Constitutive signifie ici que le lieu concret et l'être géographique ne préexistent pas comme ils subsistent après la rencontre, mais que la rencontre participe de leur constitution¹³ (ROUSSEAU, 2005, p. 272).

Desse modo, temos que se há atração pelo lugar é porque se realizou o *Chôra*. Por contraponto, compreende-se que o fenômeno dos lugares que não nos atraem ou que recusamos se deve à não co- incidência entre o ser-geográfico e os mundos aos quais o lugar convida.

Si j'aime la baie de Tunis, c'est parce que le site me propose un parcours au travers des mondes qui s'ouvrent à moi, et dont la présence réalise mon intime inclination. Quant aux traversées, elle s'impose comme coïncidence de mon métabolisme biologique, de ma logique d'action et de l'invitation des lieux, empreinte de leur cosmologie¹⁴ (ROUSSEAU, 2005, p. 274).

¹² Pois nadar faz surgir um **mundo** para o nadador, no sentido definido por Maurice Merleau-Ponty, um mundo como uma multiplicidade aberta e indefinida onde as relações são de implicações recíprocas (tradução livre).

¹³ [...] assim, um fenômeno sempre em construção, aquele do encontro constitutivo de um lugar concreto com um ser geográfico. Constitutivo significa aqui que o lugar concreto e o ser geográfico não pre-existem como eles existem depois do encontro, mas que o encontro participa de sua constituição (tradução livre).

¹⁴ Se eu gosto da baía da Tunísia é porque o local me propõe um percurso através dos mundos que se abrem para mim e cuja presença realiza minha íntima inclinação. Quanto às travessias, elas se impõem como uma coincidência de meu metabolismo biológico, de minha lógica de ação e do convite dos lugares, prenhos de sua cosmologia (tradução livre).

Dois filósofos difusores da Fenomenologia estão entre as referências bibliográficas de Rousseaux: Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty. A orientação fenomenológica desse artigo já se apresenta na própria investigação proposta: "por que gostamos de um lugar?".

Esse é um questionamento sobre um fenômeno vivido que (sendo corriqueiro) nós deixamos de questionar, adotando uma atitude natural em relação a ele. O propósito maior da Fenomenologia, colocado por Husserl, é conhecer o que já nos parece conhecido, retornando às coisas nelas mesmas (DARTIGUES, 2005). Em outras palavras, o propósito é estar atento a esses fenômenos os quais vivemos ou com os quais lidamos e investigar por que esses fenômenos assim aparecem. Questionar sobre: por que isso assim é? Que devir da experiência humana provoca o surgimento de tal ou qual fenômeno? E por que surge justamente desse modo e não de outro?

E Rousseaux vai investigar essas questões por um caminho que a Fenomenologia preconiza: a partir da experiência vivida. A partir do relato e reflexão sobre a própria experiência, o autor agrega elementos que o levam a adotar as reflexões de Maurice Merleau-Ponty. Esse é reconhecido por sua reflexão fenomenológica sobre o espaço a partir do corpo (o corpo enquanto mediação entre o eu e o mundo). Na discussão empreendida por Rousseaux temos a articulação das reflexões de Merleau-Ponty: a postura do corpo, os cinco sentidos orientam como vivemos, experienciamos, entendemos o espaço; condiciona o modo como os fenômenos nos aparecem e, conseqüentemente, condiciona como vivemos/criamos mundo.

André-Frédéric Hoyaux

André-Frédéric Hoyaux atua como professor no Departamento de Geografia, Ciência do Espaço e do Território da Universidade Michel de Montaigne Bordeaux 3. Seu doutoramento em Geografia foi orientado por Bernard Debarbieux e é um trabalho autodenominado como um ensaio de Geografia Fenomenológica. A maior parte de suas publicações é sobre a relação Geografia e Fenomenologia enquanto horizonte de pesquisa e temas afins.

O artigo *Pragmatique phénoménologique des constructions territoriales et idéologiques dans les discours d'habitants* apresenta uma proposta de metodologia de entrevistas, com a Fenomenologia enquanto uma das bases teóricas (para referenciar sua base fenomenológica cita: Schutz, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Patocka, Ricoeur, Gadamer). O objetivo é acessar como uma pessoa, enquanto habitante, pensa o mundo e constrói seu território.

A metodologia é composta por uma dupla entrevista. Hoyaux utiliza entrevistas se apoiando nas teorias sociolinguísticas de análise de discurso, onde o ato de verbalizar é considerado uma abertura para o modo como o indivíduo dota de lógica e organização sua vida e suas concepções.

No caso, para abordar a construções de territórios enquanto pessoa que habita, as entrevistas têm dois objetivos: (1) procurar mapear os lugares com os quais indivíduo se relaciona; (2) compreender como e porque ele se relaciona com os lugares, abordando as construções ideológicas do habitante.

Para melhor ilustrar a metodologia, Hoyaux apresenta alguns pontos das entrevistas realizadas com uma pessoa. A primeira entrevista é mais aberta, onde o mapeia os lugares que a pessoa frequenta e aqueles que ela exclui. A segunda entrevista é mais específica; com base na entrevista anterior, as perguntas procuram acessar os sentidos e significações que fazem com que a pessoa incorpore ou exclua lugares de seu território.

Há uma orientação fenomenológica na proposta de Hoyaux quando observamos que sua discussão parte do pressuposto de que o homem é agente de sua realidade. Para Hoyaux, a construção de territórios pelos indivíduos, enquanto habitantes, se dá pela projeção da intencionalidade no espaço. Ao perscrutar a intencionalidade, admite (a partir dos preceitos da Fenomenologia) portanto que o mundo e, conseqüentemente, que a relação

das pessoas com os lugares é orientada pelo modo como ela visa sua realidade, com os significados que doa aos objetos, aos lugares. A intencionalidade é uma noção cara à Fenomenologia enquanto ato da consciência na constituição do fenômeno; desvelar a intencionalidade corresponde a ir além da atitude natural (LYOTARD, 1986; DARTIGUES, 2000).

A função das entrevistas é compreender essa intencionalidade a partir de: abordagem da experiência vivida das pessoas, identificando as incorporações e recusas de lugares nas construções territoriais; e procurando revelar o que está por trás da atitude natural, instigando as pessoas a refletir e falar sobre os porquês desses fenômenos de exclusões e incorporações de lugares as suas vidas.

Sumário e confluências

A partir da leitura desses três artigos, podemos entrever preceitos e noções fenomenológicas mais incorporados por esses geógrafos. Apesar da diferença de temáticas e abordagens, esses três artigos confluem nas discussões de:

- Abordagem da experiência: os três artigos trazem a experiência (conhecimento intuitivo, oriundo da vivência das pessoas) tanto como objeto de questionamento quanto como via pela qual abordar a problemática apresentada. Rousseaux apresenta sua problemática a partir de uma experiência pessoal em um lugar, Hoyaux dá voz aos sujeitos (com suas experiências) que vivem os territórios que busca compreender, Berque apresenta uma discussão mais teórica, levantando as *forclusions* como fenômenos da experiência coletiva.
- Desvelar a atitude natural: de forma ampla, podemos considerar que os três autores buscam desvelar a atitude natural presentes nas experiências com as quais lidam em seus artigos. Rousseaux buscando compreender o porquê de gostarmos de certos lugares, Hoyaux entrevistando pessoas para revelar porque elas incluem e excluem lugares de seus territórios, Berque discutindo como se constituem (o que está aquém das) *forclusions*.
- Foco na intencionalidade: na medida em que apresentam a atitude natural enquanto problemática a ser debatida para compreender os fenômenos geográficos que discutem, os autores trazem, por consequência, a discussão da intencionalidade, pois, esta é um ato da consciência que participa diretamente na constituição a atitude natural. Rousseaux apresenta o *Chôra* como o encontro entre as intencionalidades de um ser geográfico e um lugar concreto; Hoyaux trabalha explicitamente com a ideia de compreender a intencionalidade para clarificar a constituição de territórios; Berque traz uma discussão tanto ontológica quanto social ao explicar sobre a *trajection* (enquanto um ato intencional, embora não necessariamente consciente) e sua construção ao longo da história humana.

A confluência das discussões entorno dessas três noções ou preceitos (experiência, atitude natural e intencionalidade) já são os primeiros indícios de um perfil de reflexão fenomenológica entre autores francófonos. Além desses pontos em comum, é necessário notar também que o filósofo Martin Heidegger é a única referência de fenomenólogo que está presente nos três artigos. Hoyaux faz uma rápida alusão à Heidegger (embora em outros artigos, desenvolve claramente aproximações entre noções heideggerianas e Geografia) enquanto Rousseaux e Berque têm entre suas referências bibliográficas uma obra específica de Heidegger: *Chemins qui ne menent à nulle part*.

As discussões desses autores, suas referências e seus pontos em comum já são importantes contribuições para avançarmos na reflexão e no fazer geográfico baseado na Fenomenologia. Mas a incorporação desse sistema filosófico possui mais nuances, as quais procuramos explorar na continuação da pesquisa.

PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA NA GEOGRAFIA FRANCÓFONA

Com o levantamento no periódico *L'Espace Géographique* encontramos duas vias sobre a Geografia de orientação Humanista: o estudo das representações do espaço e as reflexões de cunho mais explicitamente fenomenológico.

Após esse levantamento inicial no periódico, optamos por aprofundar a pesquisa por literatura francófona no campo da Geografia orientada pela Fenomenologia. Tanto por ser a Fenomenologia uma das principais correntes filosóficas a estear a Geografia Humanista quanto pelo fato de que, no Brasil, ainda que os trabalhos aliados a esse horizonte de pesquisa estejam esparsos, eles são crescentes.

Já são importantes contribuições o conhecimento (e possíveis traduções): da discussão sobre metodologia que operacionaliza a abordagem fenomenológica em Geografia (Hoyaux); do ensaio que apresenta através da empiria a geofricidade humana (Rousseaux); e o artigo que versa sobre a condição humana contemporânea a partir do modo como vivemos e tendemos a conceber o espaço (Berque). Mas, avançamos na busca de referências sobre Geografia e Fenomenologia ao levantar a produção bibliográfica de André-Frédéric Hoyaux. Dentre as publicações de Hoyaux, encontramos sua tese de doutoramento em Geografia.

A partir da tese de Hoyaux, avançamos em duas frentes: (1) conhecimento mais detalhado dos geógrafos francófonos que incorporaram preceitos fenomenológicos as suas abordagens (difusão da Fenomenologia); (2) discussão dos diferentes modos ou níveis de incorporação da Fenomenologia entre esses geógrafos.

Embora a maior parte dos autores apresentados por Hoyaux sejam já conhecidos pelos geógrafos brasileiros, com a tese aumentamos consideravelmente a lista de bibliografias desses autores. E, além disso, tomamos contato com linhas editoriais que não são necessariamente do campo disciplinar da Geografia, mas que exploram a discussão espacial a partir da Fenomenologia¹⁵.

Por outro lado, as discussões presentes na tese de Hoyaux nos trazem alguns debates epistemológicos sobre: a questão da intencionalidade na constituição de fenômenos geográficos, as representações do espaço e a evolução do pensamento de Eric Dardel (certamente o primeiro a apresentar uma consistente reflexão geográfica com base na Fenomenologia). Os próximos passos da pesquisa são, portanto, aprofundar os debates epistemológicos referentes a quais geógrafos francófonos incorporaram e como incorporaram a Fenomenologia em suas reflexões e a tradução para o português de alguns artigos do horizonte Geografia-Fenomenologia.

¹⁵ As referências bibliográficas presentes na tese de Hoyaux, referentes à Geografia e Fenomenologia, estão incorporadas à página de Bibliografia em Língua Francesa, no sítio do Grupo Geografia Humanista Cultural. Ver: <<http://geografiahumanista.wordpress.com/bibliografia/bibliografia-em-lingua-francesa/>>

REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, Oswaldo B. **Reflexões sobre as tendências teórico-metodológicas da geografia**. Belo Horizonte: UFMG/ Inst. de Geo-Ciências/ Depto. de Geografia, 1978.
- _____. A Evolução do Pensamento Geográfico e a Fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 11, n. 21-22, p. 67-87, 2000.
- BAILLY, Antoine (org.) **Les concepts de la Géographie Humaine**. Paris : Armand Colin, 1998.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p.84-91.
- BERQUE, Augustin. Les travaux et les jours. Histoire naturelle et histoire humaine. **L'Espace Géographique**, v. 38, n. 1, p. 73-82, 2009.
- BONIN, Sophie. Paysages et représentations dans les guide touristiques: la Loire dans la collection des guides-joanne, guides bleus (1856 à nos jours). **L'Espace Géographique**, t. 30, n. 2, p. 111-126, 2001.
- BONNIN, Philippe. Ouverture e fermeture de la maison japonaise dans les contes traditionnels. **L'Espace Géographique**, t. 33, n. 2, p. 353-362, 2004.
- CARON, Claude; ROCHE, Stéphane. Vers une typologie des représentations spatiales. **L'Espace Géographique**, t. 30, n. 1, p. 1-12, 2001.
- DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia?** (trad. Maria J. de Almeida). São Paulo: Centauro, 2005.
- DEBARBIEUX, Bernard. Les problematiques de l'image et de la représentation en Géographie. In: BAILLY, Antoine (org.) **Les concepts de la Géographie Humaine**. Paris : Armand Colin, 1998. p. 199-209.
- DECOVILLE, Antoine. La forêt périurbaine, une nature reconstruite par la ville ? L'exemple de la chasse à Strasbourg et à Karlsruhe. **L'Espace Géographique**, t. 36, n. 4, p. 366-375, 2007.
- FABUREL, Guillaume. Les bruit des avions facteur de révélation et de construction des territoires. **L'Espace Géographique**, t. 32, n. 3, p. 205-223, 2003.
- GOELDNER-GIANELLA, Lydie; IMBERT, Christophe. Représentations sociales de marais et dépardérisation : le cas d'un marais breton. **L'Espace Géographique**, t. 34, n. 3, p. 251-265, 2005.
- GOMES, Paulo C. C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- GUÉRIN-PACE, France. Vers une typologie de territoires urbains de proximité. **L'Espace Géographique**, t. 32, n. 4, p. 333-344, 2003.
- GUISEPELLI, Emmanuel. Place et fonctions de l'agriculture en zones périurbaines de montagne: modes d'habiter et représentations du rural. **L'Espace Géographique**, t. 35, n. 2, p. 133-147, 2006.
- HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista – sua trajetória de 1950 a 1990**. 1992. 550p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- _____. O Método Fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova Geografia. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Temas e Caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010, v. , p. 37-71.

HOYAUX, André-Frédéric. F. Pragmatique phénoménologique dès constructions territoriales et idéologiques dans les discours d'habitants. **L'Espace Géographique**, t. 35, n.3, p. 271-285, 2006.

HUSSERL, Edmund. **A Idea da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1986. 133p.

LE FLOCH, Sophie ; CADAU, Jacqueline. Le Marais Breton de Loire-Atlantique : la qualification d'un marais oublié. **L'Espace Géographique**, t. 30, n. 2, p. 127-139, 2001.

LYOTARD, Jean. **A fenomenologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MARANDOLA JR. Eduardo. Humanismo e a abordagem cultural em Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 30, n. 3, p.393-421, dez. 2005a.

_____. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. **Terra Livre**, São Paulo, AGB, ano 21, v.2, n.25, p.67-79, jul./dez., 2005b.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lucia H. B. Do sonho à memória: Lívia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. **Geografia – Londrina**, v. 12, n. 2, p. 5-19, jul.-dez. 2003.

PIVETEAU, Jean-Luc. La signalisation routière de direction : une nouvelle donne dans notre relation au territoire. **L'Espace Géographique**, t. 32, n.3, p. 193-204, 2003.

ROUSSEAU, Francis. Parcours chorégraphique dans l'espace a-touristique de la baie de Tunis. **L'Espace Géographique**, t. 34, n. 3, p. 267-276, 2005.

SCHIMITZ, Serge. La recherche de l'environnement pertinent. Contribution à une géographie du sensible. **L'Espace Géographique**, t. 30, n. 4, p. 321-332, 2001.

SEMMOUD, Nora. Urbanisme et représentations de quartiers. Le cas de Bellevue (Saint-Étienne). **L'Espace Géographique**, t. 37, n.1, p. 32-44, 2008.

Recebido em outubro de 2012

Aceito em novembro de 2013